

Tudo que é sólido desmancha no ar, até feijoada e banana

por Leandro Saraiva

O cinema brasileiro tem recebido da crítica dos principais jornais, nos últimos anos, uma cobertura extensa e elogiosa, que acabou por sedimentar a idéia de um “Renascimento do Cinema Brasileiro”. Isso não significou, é claro, que escapamos, nas palavras do célebre *Uma situação colonial?*¹, da marca cruel do subdesenvolvimento, que se estende a todas as funções do campo cinematográfico. Esse insipiente nacionalismo, que viceja agora no país em desmonte, é um mito regressivo que, tanto no cinema quanto no resto, pretende responder de modo simplório à complexa situação, aprofundada no contexto contemporâneo, de país periférico e subordinado. O mito apaga as diferenças, reúne “todos nós”, de Antônio Ermínio

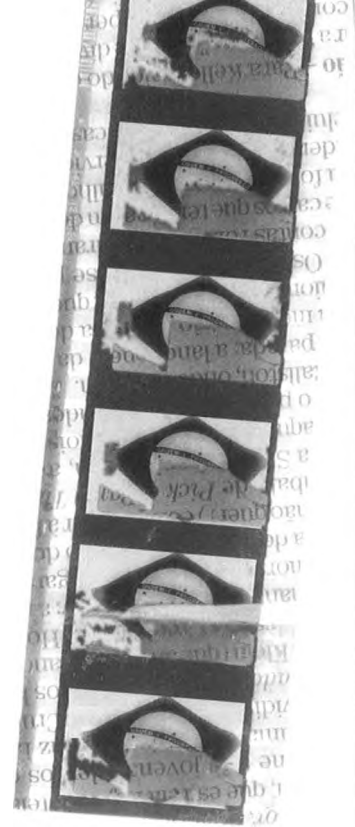
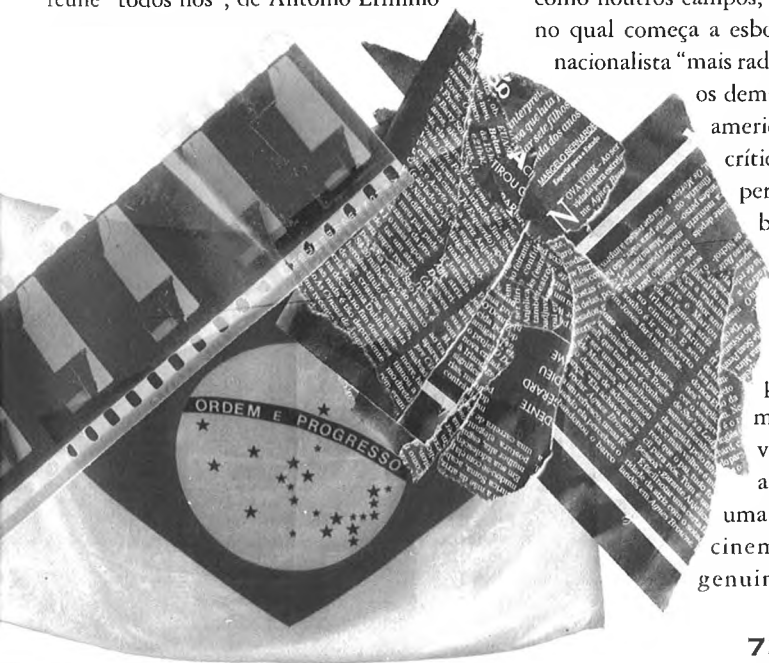
ao autor desse artigo, no grande bloco do “povo brasileiro”, vítima desses financistas vendidos (ou, para a matriz do discurso ficar clara: desses imperialistas), numa reedição da “fumaceira teórica” do populismo nacionalista, que Roberto Schwarz² já apontava na equivocada ação do PC nos anos 60.

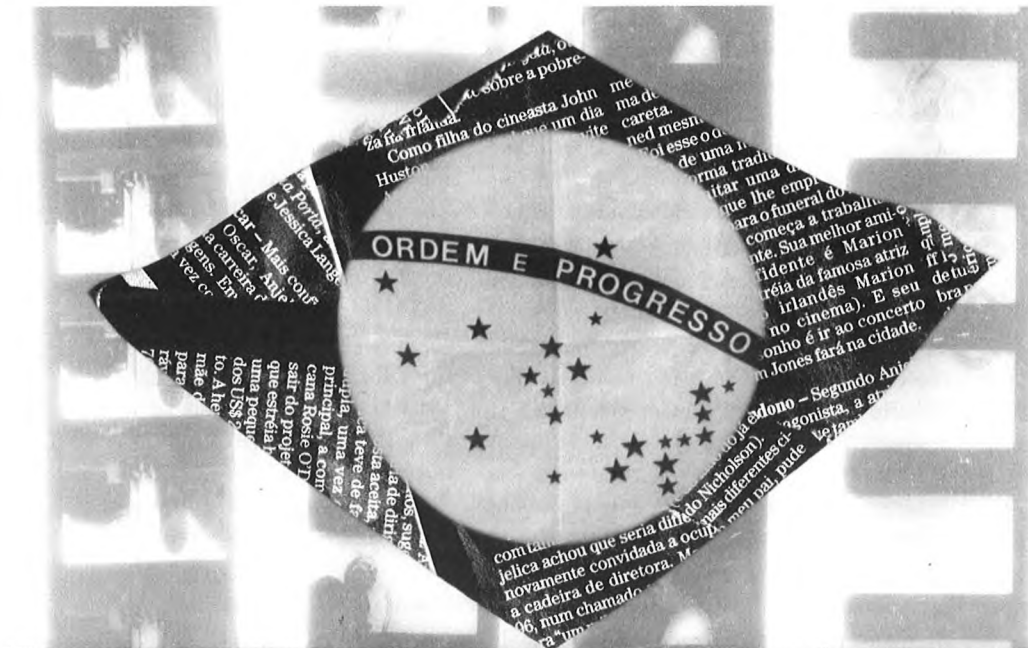
Ocorre que, como outros fundamentalismos que pululam pelo mundo como respostas à opressão sistêmica e planetária, a ideologia nacionalista exige que as disputas se dêem em termos de reivindicação da verdade revelada, gerando um mercado de profetas. Todos gritam, ou ponderam, de acordo com o lugar no espectro político, em nome da nação. Na crítica cinematográfica, como noutros campos, temos nosso mercado, no qual começa a esboçar-se uma tendência nacionalista “mais radical”, que acusa a todos os demais de europeizados ou americanizados, e exige uma crítica “nacional”, que não perca tempo com ilusórias busca de caminhos no cinema estrangeiro e dedique-se ao nosso cinema. Como todo fundamentalismo, os profetas dessa mitologia pregam a volta a uma pureza abandonada. Haveria uma verdade traída, de uma cinema e uma crítica genuinamente nacionais,

caminho que foi abandonado nos anos 60. Da estética da fome e do *tercer cine* até hoje nada mudou, pelo menos para os não traidores, e o único caminho para escapar a essa prolongada decadência em que mergulhamos é retornar às fontes sagradas.

Não resolve nada essa utopia regressiva, mas pode render um lugarzinho ao sol para seus profetas.

O que complica as coisas é que em parte os pregadores estão certos: a modernização conservadora e seu colapso conduziram o país àquela beira do precipício de piada, e o governo FHC convocou brasileiros e brasileiras para, num último esforço, darem um passo à frente. Rompeu-se drasticamente o processo de formação de uma nação, inclusive no plano cultural. Pena que não baste





dizer “quero voltar para casa da mamãe”. Ou, para ser mais positivo e elevar o nível das citações “De nada serve partir das coisas boas de sempre, mas sim das coisas novas e ruins”³. O fato é que o mundo mudou, ainda que os donos sejam os mesmos

Citar magicamente as “vacas sagradas” dos bons tempos não vai nos tirar do brejo. Quanto a Paulo Emílio, a coisa já está ridícula. Até para defender as notas frias de Norma Bengel ele foi citado! Uma das crueldades do pensamento mítico é reduzir tudo a seus próprios termos. Paulo Emílio, o ho-mem da “imag-inação como elemento polí-tico”⁴, do pra-zer do jogo movente com os poderes do mundo, do desassombro frente a *Jean Vigo* ou a *Os Mansos*, reduz-se a um herói bufo nacionalista, um Policarpo Quaresma em combate ao

malvado imperialismo. Se vai toda sutileza de sua ação, inclusive naquela fase dos 70 em que “fecha” com o nacionalismo, quando essa era o único canal possível de relação com o inferno ditatorial. Sutileza essa magnificamente expressa na famosa frase: “nada nos é estranho, pois tudo o é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro”⁵. Bastaria ler os principais intelectuais de cinema do país (Ismail Xavier, Jean Claude Bernardet, Maria Rita Galvão, Zulmira Tavares, mais os reforços “peso-pesado” de Antônio Cândido e Maurício Segall) debatendo *Trajatória no subdesenvolvimento*⁶ para compreendermos a riqueza e complexidade desse pensamento que não se deixava acomodar em fórmulas definitivas. Frente a um mundo formatado pelo

capitalismo financeiro e progressivamente dominado pelas megacorporações, já sem necessidade de ocultar a ordem por justificativas alheias à força da necessidade do poder, será que a velha cantilena nacionalista é mesmo a melhor perdida? Ou será que, novamente, a “fumaceira” do nacionalismo ameaça obscurecer as cada vez mais evidentes regras do jogo, impessoais e mundiais, conforme o interesse da fração da elite excluída do novo arranjo internacionalista - e inclua-se aí as viúvas da velha esquerda ruim, sem lugar no mundo?

O capitalismo é uma força revolucionária, como ensina o Manifesto Comunista. E, talvez pela primeira vez desde o “socialismo em um só país” stalinista, estejamos aptos a perceber a ordem do mundo em sua real crueza e dimensão planetária, sem remissões míticas.

E nós, cucarachas, o que temos com isso? Mui-to, tudo, a ver. Num brilhante artigo recente sobre a “Atualidade de Mário Pedrosa”⁷, Otília Arantes apontava com precisão e absoluta contemporaneidade o fio da meada crítico, “o veio subterrâneo da melhor tradição brasileira”, que pode nos conduzir nos caminhos do labirinto. Ela caracterizava o método de Pedrosa, que, extremamente bem armado culturalmente, e absolutamente comprometido politicamente, soube construir um ponto de vista periférico, através do “ajuste entre tendências internacionais e realidade local. E mais

¹ Salles Gomes, Paulo Emílio “Uma situação colonial?” In *Suplemento Literário*. Ed Paz e Terra, São Paulo, 1982 (o texto é de 1960)

² Schwarz, Roberto. “Cultura e Política, 1964-1969” In *O Pai de família e outros ensaios*. Ed. Paz e terra, São Paulo, 1978.

³ Frase de Bertold Brecht que serve de epígrafe à coleção editorial “Zero à Esquerda”, responsável também pela *Revista Praga* (vide,

nessa seção, resenha sobre entrevista com Ismail Xavier, publicada no número 9 de *Praga*)

⁴ Título de artigo de Roberto Schwarz sobre Paulo Emílio. *Um intelectual na linha de frente*. Ed Brasiliense, São Paulo, 1987

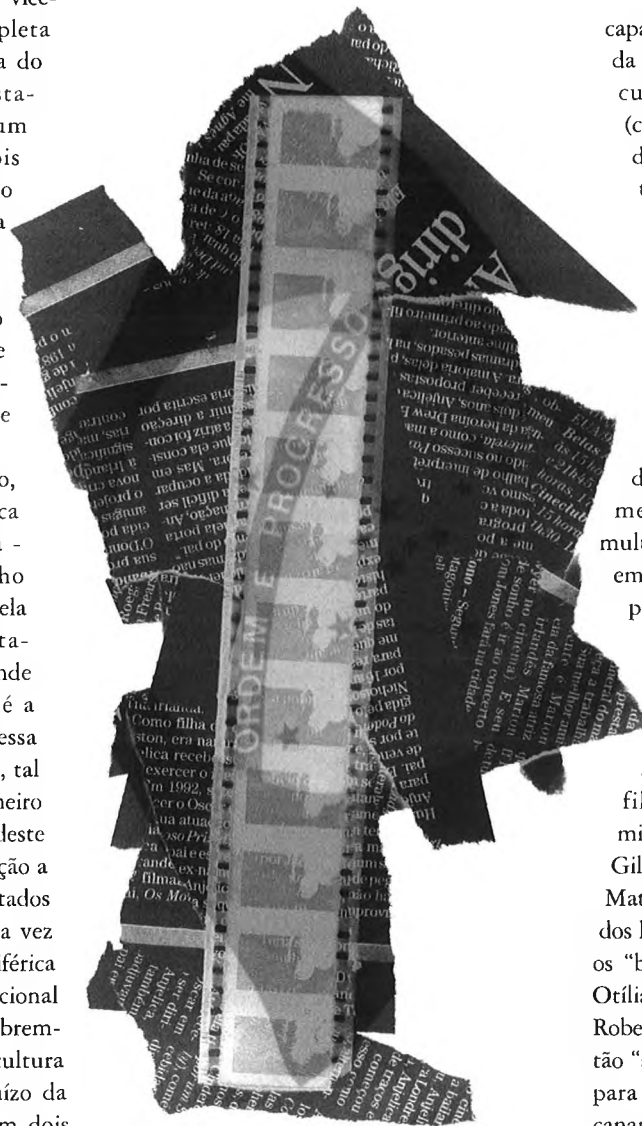
⁵ Salles Gomes, Paulo Emílio. “Cinema: *Trajatória no subdesenvolvimento*”. *Argumento* no. 2, 1973

⁶ Transcrição de mesa redonda realizada em 27/10/1977 publicada pela revista *Filme Cultura* em 1978

⁷ Arantes, Otília. “Atualidade de Mário Pedrosa”. *Folha de São Paulo, Caderno Mais!*, 16/04/2000. pp. 4-7

[acrescenta Otília Arantes]: toda vez que abandonamos tal modo de pensar em dois tempos - que manda confrontar a norma metropolitana com o desvio colonial e vice-versa- resvalamos para a mais completa irrelevância". A anos-luz de distância do nacionalismo substancialista-mitologizante, aqui a "nação" é um problema, a ser pensado "em dois tempos", ou, para usar a expressão pauloemiliana "na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro", num processo todo ele transpassado pelas divisões de classe, esquecidas pelo antigo "marxismo desdentado e patriótico" dos anos 60, "forte em anti-imperialismo mas fraco em luta de classes"⁸.

Mas tudo isso já é conhecido, ainda que não pela maioria da crítica cotidiana, nacionalista-corporativista - salvo as exceções (como o trabalho fundamental de Inácio Araújo) - nem pela desapetrechada crítica nacionalista-fundamentalista em gestação. O grande lance da reflexão de Otília Arantes é a percepção da atualidade candente dessa tradição. Ela observa que a "dualidade, tal como a conhecemos" chega hoje ao Primeiro Mundo. "Não que os estados nacionais deste estejam abalados pela transnacionalização a ponto de se assemelharem aos quase-Estados do Terceiro Mundo, mas pela primeira vez se está fazendo (...) a experiência periférica por excelência da dessolidarização nacional (...) os fatores sem mobilidade redescobrem-se como 'locais', da mão de obra à cultura autoctone", e correm atrás do prejuízo da constante desatualização." A visão em dois tempos do crítico da periferia o põe em situação privilegiada "desautorizando, um pelo outro, 'globalistas' e localistas-identitários - o fio



vermelho que atravessa sua obra, tão avessa ao emparedamento nacionalista quanto ao acanhado cosmopolitismo de nossos dias"⁹.

Um olhar complexificante, exigente, capaz de evidenciar os recalques e desrecalques da experiência social embutidos nos objetos culturais de um mundo recoberto e (cruelmente) unificado pela malha capitalista de circulação de tudo. Pensar "em dois tempos", relacionalmente, as formas de representação dominantes e seus desvios, incluídos aí os cinemas das minorias, as produções independentes de toda parte, e, inclusive, as lutas dos autores que trabalham para a indústria. Aí se pode ter um quadro do mundo, elucidativo sobre nosso lugar e de nossos filmes nele, sobre nossa rarefeção dialética, posição definida numa rede que se não se tornou menos perversa por ser policêntrica, multiplicou as conexões possíveis, inclusive emancipatórias. Imaginar alianças à altura do poder capitalista mundializado, negando tanto a subserviência neo-colonial como uma versão requentada dos enganosas "alianças nacionais". Ou então, pode-se sempre apelar para a pureza das soluções fundamentais, ressuscitar a pedra filosófica do nacionalismo populista, misturando-nos no alegre bloco tropical de Gilberto Freire, Darcy Ribeiro, Roberto Da Matta, do descolado Gilbertinho Vasconcelos, dos herdeiros velhos e moços que mercadejam os "bons tempos" e deixar pra lá essa turma aí, Otília Arantes, Mário Pedrosa, Paulo Emílio, Roberto Schwarz, todo mundo com um papo tão "anti-erótico", "uspiano", e que nem serve para passar o tempo em jogo que o escrete canarinho não está inspirado, nem se presta a pregações de ocasião no fim de feira nacional.

⁸ Schwarz, Roberto. op. cit. p.64-65

⁹ Arantes, Otília, op. cit. p. 7